

**RETEXTUALIZAÇÃO E REFERENCIAÇÃO NO GÊNERO ENTREVISTA:
análise da Anáfora Encapsuladora e Dêixis em textos de discentes do Ensino Médio**

**RETEXTUALIZATION AND REFERENCING IN THE INTERVIEW GENRE: an
analysis of Encapsulating Anaphora and Deixis in High School students' texts**

Marcel Pereira Pordeus¹

Caio Leonam Vieira Pordeus²

Maria Margarete Fernandes de Sousa³

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar a referenciação, mais especificamente a anáfora encapsuladora e a dêixis na passagem do texto oral para o escrito em atividades de retextualização, com o gênero entrevista em textos de alunos de uma turma do 3º ano do Ensino Médio de uma escola estadual em Fortaleza-CE. O problema que nos motivou para este relato de experiência se deu por querermos apresentar como o gênero discursivo entrevista – nas modalidades oral e escrita da língua – pode contribuir para a melhoria da tessitura textual de alunos do Ensino Médio. Para o alcance de nossa exploração, foram utilizados como apoio teórico os trabalhos de Marcuschi (2008), Bakhtin (2003), Bronckart (2003), Schneuwly e Dolz (2004), dentre outros autores/pesquisadores fundamentais para o alcance dos objetivos desta análise. Deste fato, observamos que na retextualização dos alunos – da fala para a escrita, no gênero entrevista – os referentes são objetos do discurso construídos mentalmente, quando enunciamos um texto específico no âmbito da linguagem, nos quais são reproduzidos na escrita para melhor analisar os traços linguísticos referenciais, desempenhadas pela anáfora encapsuladora, que funciona como mecanismo dêitico no texto.

Palavras-chave: Retextualização, Gênero entrevista, Anáfora encapsuladora, Dêixis.

Abstract: This paper aims to analyze the referencing, more specifically the encapsulating anaphora and the deixis in the passage from oral to written text in retextualization activities, with the interview genre in texts of students from a 3rd year high school class in a state school

¹ Mestre em Planejamento e Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em Letras: Português / Literaturas pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do GETEME/PPGL (Gêneros Textuais: Perspectivas Teóricas e Metodológicas) da Universidade Federal do Ceará. Pesquisador Associado do Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura - CLAEC, com o estudo das Teorias e Métodos das Ciências Humanas e Sociais. E-mail: marcel.pordeus@aluno.uece.br

² Graduando do curso de Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do GETEME/PPGL (Gêneros Textuais: Perspectivas Teóricas e Metodológicas) da Universidade Federal do Ceará. E-mail: caio.leonam@alu.ufc.br

³ Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1983), em Pedagogia pela Universidade de Fortaleza (1989), Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (1998) e Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2005). É professora Titular da Universidade Federal do Ceará e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Gêneros: Estudos Teóricos e Metodológicos - GETEME/UFC. Desenvolve pesquisas na área de Linguística de Texto, atuando principalmente em análise de gêneros, gêneros promocionais e referenciação. É membro do GT da ANPOL de Linguística de Texto e Análise da Conversação e da Academia Cearense da Língua Portuguesa - ACLP, ocupando a cadeira 13. Áreas de pesquisa: análise de gêneros, com ênfase nos gêneros publicitários e nas estratégias de construção dos sentidos do texto (referenciação, intertextualidade, multimodalidade) e análise do discurso. E-mail: margarete.ufc@gmail.com

in Fortaleza-CE. The problem that motivated us to write this experience report was that we wanted to present how the discourse genre interview - in the oral and written modalities of language - can contribute to the improvement of high school students' textual texture. To reach our exploration, we used as theoretical support the works of Marcuschi (2008), Bakhtin (2003), Bronckart (2003), Schneuwly and Dolz (2004), among other authors/researchers fundamental to achieve the goals of this analysis. From this fact, we observe that in the students' retextualization - from speech to writing, in the interview genre - the referents are mentally constructed discourse objects, when we enunciate a specific text within the scope of language, in which they are reproduced in writing to better analyze the referential linguistic features, played by the encapsulating anaphora, which functions as a deictic mechanism in the text.

Keywords: Retextualization, Interview Genre, Encapsulating Anaphora, Deixis.

Introdução

A escrita é uma prática presente em quase todos os momentos de nossas vidas, e este fato tem contribuído bastante para o reconhecimento da infinidade de gêneros existentes nessa modalidade de comunicação. Os textos, sejam estes verbais ou não verbais, estão ligados diretamente aos diversos aspectos e estratégias concernentes à prática social que nos permite decifrar a diferença entre a realidade e o ficcional, e interpretar o sentido das coisas que nos rodeiam. Deste fato, a produção textual – independentemente do gênero – e a retextualização estão dispostas como uma prática intrinsecamente “natural⁴” e ensinada às pessoas. A escrita é um evento peculiarmente espontâneo no cotidiano dos falantes, haja vista a forma da comunicação verbal divergir da forma escrita. Em função disso, ela pode ser considerada uma atividade cognitiva muito complexa, que requer a ação de muitas habilidades interdependentes em sua diversidade textual, de operações e processos psicolinguísticos que os alunos executam até chegarem ao produto final do texto e em sua pluridimensionalidade dos problemas de escrita (BRONCKART, 2003).

As complexidades inerentes a esse processo são apreendidas em progressão linear, que segue uma linha reta de conhecimento, que vai de um texto a outro, e em espiral, voltada a uma aprendizagem referente a um ensino-aprendizagem que abrange todos os níveis escolares de uma comunidade discursiva, a saber: argumentação, entrevista, narração, explicação, etc., diferenciando somente no âmbito do gênero textual, seu uso de acordo com os tempos verbais; os organizadores textuais; progressão anafórica; esquema dos actantes, dentre outros

⁴ Flôres e Silva (2005) discorrem que a fala e a escrita são inerentes à conjuntura social do ser humano; em que a primeira é uma capacidade intrínseca adquirida por meio das relações sociais desde a infância; e a segunda, criada pelo homem, é ensinada por meio da alfabetização.

(DOLZ; SCHNEUWLY, 2004). Mediante ao exposto, iremos nos debruçar na análise da escrita dentro do âmbito da retextualização com o gênero⁵ entrevista, haja vista as práticas de retextualização orais e escritas acontecerem, diariamente e em todo momento de interação, entre pessoas que compartilham um gênero discursivo e uma língua em comum.

Com efeito, o gênero entrevista, principal objeto de estudo deste artigo, prevê ampliar a compreensão da oralidade e escrita a partir da análise de traços referenciais no discurso, em suas anáforas encapsuladoras e dêiticos, no processo de passagem do texto oral para o escrito em atividades de retextualização. De acordo com Vilaça (2021, p. 40), “[...] a oralidade ajuda a formar a consciência dos alunos a respeito das variedades linguísticas, das funções da linguagem e das diferenças existentes entre a linguagem verbal e a não verbal”. Desta forma, o aprendiz desenvolve capacidades para lidar com os variados contextos comunicativos aos quais a língua exige, seja em ambientes formais ou de informalidade, propiciando-lhes a capacidade de audição com discernimento e interação em situações comunicativas do cotidiano.

Contudo, somando-se à relevância desta análise, para que tais fatores supracitados sejam avaliados, em sua íntegra, é necessário compreender que tanto a dialética como a retórica, presentes ou não nos gêneros, incitam-nos quanto à conscientização do ritmo, entonação e pausas presentes no discurso. Ou seja, tais atividades nos conscientizam da relevância de todos esses aspectos em função de específico gênero ou evento comunicativo, que são passíveis de permear o universo do diálogo em uma entrevista (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004).

Para tanto, neste artigo, iremos discorrer sobre a referenciação, mais especificamente sobre a anáfora encapsuladora, na passagem do texto oral para o escrito em atividades de retextualização com o gênero entrevista. Para Apothéloz e Chanet (2003), a anáfora encapsuladora é uma operação discursiva em que o falante se refere a uma ação ou estado anteriormente expresso por uma sentença inteira, por meio de um sintagma nominal. Esta é compreendida como um tipo de expressão referencial que recupera uma parte do discurso (SILVA, 2009). Nesse viés, utilizamos a retextualização do gênero entrevista para fazer tal análise – não apenas como um referente pontual – por meio de nominalizações, rótulos ou dêiticos. A seguir, apresentamos o referencial teórico utilizado nesta análise.

Fala, Escrita e Retextualização

⁵ Consideramos gênero como entidades dinâmicas, históricas, sociais, situadas, comunicativas, orientadas para fins específicos, ligadas a determinadas comunidades discursivas, ligadas a domínios discursivos, recorrentes, estabilizadas em formatos mais ou menos claros (MARCUSCHI, 2008).

Uma importante questão que permeia as discussões relacionadas ao ensino de língua portuguesa diz respeito ao tratamento de textos escritos e falados e a aplicabilidade destes em sala de aula. Segundo Goulart (2005), a escola brasileira privilegia as atividades com textos escritos em detrimento das atividades com textos orais. Com isso, percebemos uma grande diferença ao ensinar o texto escrito e o texto falado devido à atenção que é dada ao escrito, mesmo não sendo intencional. A oralidade, assim como a escrita, desenvolve um importante papel na sala de aula de Língua Portuguesa. Marcuschi (2001, p. 46) defende que,

[...] tanto a fala como a escrita, em todas as suas formas de manifestação textual, são normalizadas (não se pode dizer que a fala não segue normas por ter enunciados incompletos ou por apresentar muitas hesitações, repetições e marcadores não-lexicalizados [...])

No entanto, diversos autores advogam sobre a importância do trabalho da oralidade em sala de aula. Marcuschi (2008, p. 25) define a oralidade como “[...] uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora”. Sobre a relação fala e escrita, o autor também destaca que existe:

[...] o contínuo dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc., que se dão num contínuo de variações, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo dos contínuos sobrepostos (MARCUSCHI, 2010, p. 42).

Deste fato é que optamos por investigar a importância do gênero entrevista e sua retextualização. Ainda na importância de estudar este gênero, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), cabe explorar a língua em suas diversas situações de comunicação, ou seja, na escrita, na leitura, na oralidade e na escuta. Com o uso dessa abordagem, em sala de aula, o aluno desenvolverá competências necessárias para se tornar um aluno-crítico (BRASIL, 1998). De acordo com Bezerra (2020), na conjuntura dos gêneros textuais, estes se inserem em cenários de infinitas variações enunciativas, com “[...] ênfase se coloca na aquisição do gênero via imersão no contexto real de produção e recepção, colocando para a escola, por exemplo, a necessidade de ajudar os estudantes a desenvolverem uma consciência crítica sobre esses gêneros” (BEZERRA, 2020, p. 5).

Ainda de acordo com retrocitado autor, o gênero pode ser abordado numa perspectiva de “texto em contexto”, deste fato, permear o gênero entrevista e sua retextualização é o contexto apropriado ao qual criamos para analisar traços referenciais, de anáfora e dêiticos de entrevistas realizadas por discentes do Ensino Médio.

O autor defende que a retextualização não se trata de um processo mecanizado, posto que o fenômeno que migra da fala para a escrita é natural, não exigindo um plano definido para ocorrer o processo de textualização. E, deste fato, isso incorre em operações complexas passíveis de causar intervenção no código, como também no sentido do enunciado – comprometendo a coerência da informação – o que causa a discrepância existente na relação consensual entre oralidade e escrita (MARCUSCHI, 2001).

Para que pudéssemos comprovar nossa motivação neste estudo, objetivamos analisar a referenciação, mais especificamente a anáfora encapsuladora na passagem do texto oral para o escrito, em atividades de retextualização com o gênero entrevistas, mais precisamente em textos de alunos do Ensino Médio de uma escola pública de Fortaleza-CE. No tópico seguinte, a categoria de análise “entrevista” será mais detalhadamente abordada.

Gênero Entrevista

Entrevista é todo ato comunicacional que nos faz interagir mediante um emissor e um receptor na conversação, podendo ser formal ou informal, a depender do contexto situacional e cultural à qual se dá o processo do diálogo. De acordo com ideia defendida por Dolz (1999, p. 12), a entrevista possui conexão fundamental com o âmbito da mídia quando comparado a outros gêneros existentes, haja vista: “[...] seu lugar social de produção é a imprensa escrita, o rádio ou a televisão. A exigência de mediatização preside todas as atividades que se depreendem daí.” Nesse sentido, para compreendermos a extensão do gênero “entrevista” é imprescindível o estudo de como o gênero se posiciona, se configura e sua relação intrínseca com o universo discursiva à qual faz parte. Ademais, consoante Vilaça (2021, p. 41), por meio da entrevista podemos “[...] trabalhar, também, o respeito e a reciprocidade, além da capacidade de ouvir, desenvolvendo no estudante a habilidade de reconhecer o outro e de colocar-se em seu lugar”.

A escolha do gênero entrevista não foi aleatória, pois apresenta um caráter essencialmente oral, e por também nos remeter à particularidade sociointeracionista presente neste gênero interativo, posto que, neste estudo, intentamos investigar a Referenciação presente na oralidade dos alunos em citado gênero. Consoante Rocha e Silva (2020), aspectos sociodiscursivos da linguagem humana são contemplados diretamente na referenciação, na qual concerne o contexto e conhecimentos de mundo compartilhados.

Deste fato, a relevância da escolha deste gênero se deu porque na fala e escrita do gênero entrevistas – usando a gravação dos diálogos entre alunos e uma profissional da Assistência Social – os referentes nos comprovam serem enunciados coesivos construídos

mentalmente em um contexto específico do discurso, ou seja, os dados utilizados na retextualização da interlocução nos mostram que os referenciais são intrinsecamente mecanismos linguísticos dêiticos, e a anáfora encapsuladora, que funcionam como mecanismos coesivos no texto – e de coerência, haja vista os referentes e a forma como se desenvolvem no discurso estarem ligados a um conjunto de indícios que o texto fornece e articula para que a coerência seja reelaborada por cada leitor, à sua maneira (CAVALCANTE, 2009).

Somando-se a isso, o gênero entrevista oportuniza ampliar o campo cognitivo dos alunos por meio dos traços referenciais encapsuladores inerentes ao processo social e interacional da interlocução, posto que vários fatores linguísticos, enciclopédicos e referenciais do cotidiano do aprendiz se unem para formação do contexto comunicativo e de interação. No tópico posterior, apresentamos a metodologia aqui empregada.

Processo Metodológico

Neste estudo, optamos por selecionar uma turma do 3º ano do Ensino Médio de uma escola estadual em Fortaleza-CE – como escopo para embasamento de nossas assertivas para esta pesquisa – por se tratar de alunos que estão no preparatório para o Enem e por serem detentores de um acervo enciclopédico elevado em detrimento de outras turmas do 1º e 2º ano. Com efeito, no intento de formarmos um recorte para esta pesquisa, estabelecemos um cenário de entrevistadores: alunos do 3º ano do Ensino Médio, e uma assistente social (entrevistada), que detém experiência e lida com o contexto de adolescentes grávidas precocemente. Enaltecemos o fato de que a escolha pela profissional (entrevistada) não se deu de forma aleatória, haja vista sabermos que a mesma possui pesquisas com a temática abordada.

De acordo com Vilaça (2021), no contexto do gênero entrevista, há um propositado cenário comunicativo criado para que uma entrevista se realize, haja vista ser estabelecido um roteiro com as premissas a serem abordadas na interlocução, posto que, “[...] é mais previsível para o entrevistador, uma vez que ele passa pela experiência reiteradamente e pode produzir um roteiro para se guiar durante o processo” (VILAÇA, 2021, p. 39). Contanto, permeando um contraposto a tais assertivas, o gênero entrevista por apresentar dinamicidade em seu contexto, destaca-se o imprevisto advindo da interação entre os comunicantes, passíveis de surgir fatos outrora não planejados pelo entrevistador. Nesse viés, não há como manter o gênero estático e fixo (VILAÇA, 2021).

Ademais, decidimos por coletar dados entre os dias 02 e 31 de outubro de 2021 (os alunos entrevistaram a assistente social), em virtude de ser um período propício na produção de redações nas escolas com alunos desse ano, por ser um período próximo às provas do Enem, – por meio de questionário do *Google Forms* – e devido ao fato das aulas acontecerem de modo remoto em consequência da pandemia de Covid-19. Ademais, para melhor homologar os traços linguísticos referenciais existentes no discurso dos alunos com a entrevistada, trilhamos os seguintes passos inerentes a uma perspectiva sociointeracionista, a saber:

- A princípio, os discentes foram informados do que se tratava de um estudo acadêmico e o que se esperava da mesma, com a transcrição e após isso a retextualização das entrevistas e análise da referenciação presente na oralidade e escrita. Em seguida, estes tiveram uma explanação teórica do que consistia o gênero entrevista e seu contexto real de uso.
- Aprenderam os diversos traços linguísticos presentes na referenciação (anáfora encapsuladora e dêixis) e o conceito e significado de anáfora e catáfora: retomados, conduzidos e introduzidos, presentes na oralidade.
- Compreenderam as diferenças entre fala e escrita demarcadas num gênero textual, com traços linguísticos e variacionais que enaltecem as inúmeras diferenças.
- Foram informados que, na coleta, os dados da entrevista seriam transcritos para depois serem retextualizados, como forma de comprovar o objeto essencial desta pesquisa, neste sentido os mesmos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- Os alunos realizaram a transcrição da oralidade de suas entrevistas e praticaram exercício de retextualização (com suas respostas) baseadas no material apresentado e explanado pelos pesquisadores, respeitando cada etapa do processo;
- Compreenderam o funcionamento e processo de retextualização de um texto a partir da oralidade do gênero entrevista, que também a partir de uma linguagem de variação coloquial poderiam ser geradas outras variações mais formais, compreendendo que os traços linguísticos existentes na oralidade são passíveis de serem categorizados em mais conceitos e características inerentes à retextualização. Ou seja, o conhecimento de mundo do aprendiz (coloquial) se soma ao conhecimento enciclopédico (formal) para formação de produção textual com êxito.

Para a entrevista, utilizamos o seguinte quadro norteador, como forma de sistematizar a prática da entrevista, para depois os alunos transcreverem e retextualizarem.

Quadro 1 – Resumo da sistemática da entrevista

MÓDULOS	OBJETIVOS	ATIVIDADES
1- Conhecendo o tema	Tomar o primeiro contato com o tema “Gravidez na adolescência”	1- Assistir ao documentário “Meninas: gravidez na adolescência!” Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w9QP45oxGvE . 2- Assistir ao vídeo: Profissão Repórter 06/12/2017 Gravidez na adolescência – Completo Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N4RVm1yHYwo 3- Roda de debate acerca do tema no Google Meet com os alunos, assistente social e pesquisadores.
2- Aprofundando os conhecimentos sobre o gênero entrevista.	Fazer com que os alunos compreendam as características estruturais e funcionais do gênero entrevista, bem como suas etapas.	1- Os pesquisadores explicaram aos alunos sobre o gênero entrevista e suas etapas. 2- Visualização de variados tipos de entrevista, orais e escritas, com o tema estudado. 3- Elaboração do roteiro de perguntas da entrevista. 4- Realização da entrevista audiogravada, com os alunos e assistente social sobre o tema Gravidez na adolescência.
5- Reescrita de textos orais.	Defender uma concepção de escrita como sendo um processo, que envolve vários momentos, como a reescrita; Esclarecer a importância da reescrita na entrevista durante o processo de retextualização.	1- Explicar aos alunos como é realizado o processo de reescrita de textos orais através das regras da NURC. 2- Reescrever pequenos textos, como forma de treino e percepção. 3- Reescrita do áudio da entrevista entre alunos e assistente social.
6- A retextualização.	Desenvolver habilidades para retextualizar textos orais e aprimorar a escrita.	1- Explicar o que é retextualização e seu processo. 2- Retextualizar os pequenos textos transcritos anteriormente. 3- Retextualizar a entrevista dos alunos com a assistente social, com base nas operações de Marcuschi, dando ênfase às anáforas e condensações.
7- A progressão referencial.	Observar como se dá a progressão referencial no texto.	1- Explicar como os referentes são introduzidos, conduzidos, retomados, apontados e identificados no texto. 2- Praticar atividades de observação dos referentes presentes em pequenos textos; 3- Realizar, no texto retextualizado da entrevista dos alunos com a profissional, estratégias de substituição estilística e de retomadas expressas por dêiticos.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em suma, mediante a prática da entrevista, como já mencionado, criou-se campo suficiente para que fosse possível identificar através da entrevista realizada dos alunos com a assistente social, a referenciação, mais especificamente a anáfora encapsuladora. A anáfora encapsuladora retoma traços textuais que estão ou ainda serão identificados no co(n)texto (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014).

Nesse cenário, Koch (2017) assevera que as expressões nominais, em sua maioria, aparecem em forma de pronomes demonstrativos inseridos no co(n)texto, deste fato, estas desenvolvem duas funções primordiais, a saber: categorizam uma parte do enquadramento

textual que as precede, e constituem um novo referente que, ao estabelecer significado para os enunciados, estabelecem temática específica para os axiomas posteriores. Tais premissas aparecem com circularidade no introito dos parágrafos (OLIVEIRA, 2018).

No campo da realização da *práxis* para a entrevista, retextualização e posteriori análise das anáforas encapsuladoras e dêiticos, os alunos fizeram uma entrevista com a profissional por meio da plataforma Google Meet, tendo os pesquisadores como mediadores observadores, em convite enviado – na qual foi gravada – colhendo dados de como se dá a gravidez na adolescência, com todas suas intempéries, problemática e possíveis soluções, no que transcreveram a oralidade da prática discursiva presente na entrevista e, por fim, retextualizaram os resultados da atividade. Os resultados serão discutidos no tópico seguinte.

Retextualização da Entrevista: aplicabilidade e identificação da Referenciação (Anáfora encapsuladora) e Dêixis

Neste estudo, como já mencionado, desenvolvemos uma entrevista para dar aplicabilidade a esta análise. Com isso, estabelecemos juntamente com alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública na cidade de Fortaleza-CE, uma pré-pauta para ser aplicada como entrevista realizada entre alunos e uma assistente social, por intermédio dos pesquisadores da área da Letras, com o tema *Gravidez na adolescência*. Da pesquisa realizada com os alunos, estes transcreveram a entrevista e depois realizaram a retextualização. Esse trabalho se deu no intuito de analisarmos os traços de referenciação presentes no gênero entrevista, mais especificamente a anáfora encapsuladora e o traço dêitico.

Koch e Elias (2017) discorrem em seus trabalhos acerca dos conhecimentos linguísticos, enciclopédicos, interacionais e textuais aos quais estão associados às diversas situações comunicativas em que se inserem os comunicantes. Desse fato, tratamos o cotexto em sua superfície textual, posto ser premissa essencial na produção de significados pragmáticos quanto à referenciação, e contexto no tocante aos sentidos múltiplos que circundam essa corporeidade, tal como os sociocognitivos.

Nesse sentido, a *práxis* da retextualização no contexto escolar é passível de fomentar uma produção textual bem-sucedida, posto ser realizado mediante a ativação de tais conhecimentos retrocitados por Koch e Elias (2017). Na conjuntura da abordagem das autoras, podemos asseverar que a retextualização empreende a competência metagenérica para o desenvolvimento de sua atividade, haja vista ter conhecimento sobre os gêneros é premissa relevante para o emaranhado da transformação textual. Ou seja, para que a produção

textual acresça e obtenha êxito para o aprendiz, a escrita deve perpassar pelo conhecimento de mundo e enciclopédico dos discentes, de seu domínio no campo dos gêneros textuais, tendo em vista suas práticas comunicativas na produção de sentidos para o texto.

Com efeito, ao entrar em contato com o texto, autor e leitor ativam modelos mentais que foram sendo construídos ao longo de suas vidas. Esse processo dá-se internamente, de forma distinta dos processos social e interacional. De acordo com Mônica Cavalcante, “[...] a atividade referencial é cognitiva, pois a interação linguística só ocorre porque os sujeitos são capazes de processar os textos que produzem e compreendem.” (CAVALCANTE, 2012, p. 112). O processo sociointeracional tem seu início a partir do momento em que o indivíduo é considerado um ser social que tem conhecimento das coisas do mundo e interage com elas. Para Koch e Elias,

[...] os referentes participantes do processo de referenciação não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo. Eles são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com nossa percepção do mundo, nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos (KOCH; ELIAS, 2010, p. 134).

Toda bagagem mental tem sua construção a partir da inserção dos sujeitos no contexto social, bem como sua interação com o mundo. Em vista disso, Cavalcante (2012) propõe uma conceituação para o processo de referenciação:

[...] o conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de elaborar as experiências vividas e percebidas, a partir da construção compartilhada dos objetos de discurso que garantirão a construção de sentido(s) (CAVALCANTE, 2012, p. 113).

Mondada e Dubois (2003), discorrendo acerca dos processos de referenciação e dos objetos do discurso, afirmam que há duas características sobre língua fomentadas no Ocidente: uma que concebe a língua como um conjunto de etiquetas para as coisas do mundo e outra que entende a língua como sendo construída pelos sujeitos, “[...] através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17).

Ainda de acordo com as autoras, (2003, p. 20), “[...] a abordagem da referenciação implica uma visão dinâmica que leva em conta não somente o sujeito encarnado, mas ainda um sujeito sociocognitivo, mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo”. Nesse sentido, este sujeito é capaz de construir seu mundo no decorrer do cumprimento de suas atividades sociais, e o torna estável graças às categorias manifestadas no discurso.

Somando-se a supracitadas asserções e mediante postulados de Marcuschi (2001), sobre a retextualização, assevera que:

Atividades de retextualização são rotinas usuais altamente automatizadas, mas não mecânicas, que se apresentam como ações aparentemente não-problemáticas, já que lidamos com elas o tempo todo nas sucessivas reformulações dos mesmos textos numa intrincada variação de registros, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos. Toda vez que repetimos ou relatamos o que alguém disse, até mesmo quando produzimos as supostas citações *ipsis verbis*, estamos transformando, reformulando, recriando e modificando uma fala em outra (MARCUSCHI, 2001, p. 48).

Portanto, no intuito de dar aplicabilidade ao processo de retextualização nas entrevistas, apresentaremos como forma de embasar esta análise, um trecho das primeiras perguntas e respostas utilizadas com os alunos e a assistente social. Com isso, a transcrição e, respectivamente, a retextualização servirão para aplicarmos as operações no gênero entrevista. Com efeito, apesar de nos atermos às operações de retextualização postuladas por Marcuschi (2001), nos concentraremos apenas na 5ª operação, que prevê a inserção de marcas metalinguísticas para referência de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos, e com a 7ª operação, que postula um tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas, ou seja, enseja um caráter de formalidade às sentenças construídas pelos alunos.

De acordo com o autor, o modelo das operações textuais-discursivas compreendidas nos processos de retextualização do texto oral para o texto escrito, não é um processo mecânico, haja vista não ocorrer naturalmente, pois se trata de um processo complexo, num emaranhado de operações que intervêm tanto no código como no sentido do texto (MARCUSCHI, 2001) .

Nesse contexto, daremos prosseguimento às atividades realizadas com os alunos: da entrevista, transcrição e retextualização.

Entrevistador (transcrição): olá...boa tarde...nós somos alunos do C.A.B. ... somos do terceiro ano da tarde... a gente tá aqui fazendo uma pesquisa...sobre gravidez na adolescência...como a senhora sabe... a gravidez na adolescência é um assunto bastante falado... bastante conhecido...então vamos começar... você acha que gravidez na adolescência é um problema de saúde pública?

Entrevistador (retextualização): Oi, boa tarde. Somos alunos do C.A.B do 3º ano. Estamos fazendo uma pesquisa sobre gravidez na adolescência, assunto bastante discutido atualmente. Você acha que gravidez na adolescência é um problema de saúde pública?

Entrevistada (transcrição): é ... totalmente... de saúde pública...

Entrevistada (retextualização): Sim, totalmente de saúde pública.

Entrevistador (transcrição): por quê?

Entrevistador (retextualização): Por quê?

Entrevistada (transcrição): porque... é ... teoricamente falando... né? ...é ... hoje ... vinte e cin/ vinte e cinco por cento... eu acho o número de adoles/ de pessoas que engravidam...eu acho que vinte e cinco por cento...isso já é com pesquisas...né? ... é de adolescentes ... infelizmente ...é: ... o que a gente mais atende são adolescentes de famílias desestruturadas... infelizmente também de famílias pobres... quanto mais pobre... mais a gente tem esse problema...por quê?... porque não tem estrutura familiar...porque não tem conversa entre pai e filhos... porque a grande maioria é filha de pais separados...porque a mãe... é :: ... ou trabalha fora ou também tem uma vida muito assim...é: ... como é que eu posso dizer... uma vida muito desequilibrada... normalmente a mãe... a adolescente que engravida já é filha... por coincidência ou não... de mãe que já foi adolescente que engravidou...também assim... quando na adolescência... é: ...ou as amigas engravidam... é: ... isso eu acho que é porque ...eu acredito...né? ... na minha prática...do meu dia a dia... que assim ... chega...sai da puberdade...entra na adolescência... quando entra na adolescência...parece que a parte hormonal...aguçada da parte sexual... né?... muito ativa... como não tem... um equilíbrio familiar e o mundo que você vive é muito assim... é: ... muito desequilibrado...não estudam... a maioria não quer estudar muito... então... aí... elas se entregam muito... a isso ... olhe eu tive adolescentes de nove anos grávidas... que nem menstruaram ainda... eu tive adolescentes... a última que eu peguei assim dessas mais assim...é: ...de onze... dezessete é comum...quinze já é comum... já virou rotina... agora ... as que mais me espantaram foram essas duas... estudar... provavelmente abdicam do estudo... né?... abdicam do estudo porque têm que criar... ficam analfabetas... e não pensam...não pensam... no dia do amanhã...

Entrevistada (retextualização): Porque teoricamente falando, hoje, 25% das adolescentes engravida, de acordo com as pesquisas. Atendemos adolescentes de famílias desestruturadas, infelizmente, são de famílias pobres e quanto mais pobres, mais o problema aumenta. Isso acontece como problema familiar, os pais que não conversam com seus filhos e a maioria é separada, ou trabalham fora de casa, ou tem uma vida desequilibrada. Geralmente a adolescente que engravida já é filha de mãe que passou pela mesma situação, coincidência ou não ou as amigas que passam pela mesma situação. Com minha prática, isso acontece por causa da puberdade, aflora parte sexual da adolescente. Tem muito desequilíbrio na família, muitas não querem estudar e acabam se entregando a essa situação. Tem adolescentes de 9 anos de idade que nem menstruaram ainda e já tem outras de 11 anos, de 17 ou 15, e muito casos assim já viraram rotina. Não estudam, ficam analfabetas e não pensam no dia de amanhã.

Na 5ª operação, que identificamos como uma operação de reformulação do texto, *na transcrição*: “Entrevistador: ... **a gente tá aqui** fazendo uma pesquisa ... sobre gravidez na adolescência...”. Já *na retextualização*, observamos: “**Estamos** fazendo uma pesquisa sobre gravidez na adolescência...”. Acreditamos que os estudantes almejavam dar um conotação mais formal à fala do entrevistador, o que mostra que os discentes supõem que as práticas sociais laborais dos entrevistados não podem ser despojadas.

Ainda *na transcrição* da 5ª operação: “Entrevistada: porque... é ... teoricamente falando... né? ...é ... hoje ... vinte e cin/ vinte e cinco por cento... eu acho o número de **adoles/ de pessoas que engravidam**...eu acho que vinte e cinco por cento...isso já é com pesquisas...né? ...”. *Na retextualização*: “Porque teoricamente falando, hoje, 25% **das adolescentes engravida**, de acordo com as pesquisas”.

Em continuação à 5ª operação, *na transcrição*: “**normalmente a mãe... a adolescente que engravida já é filha...** por coincidência ou não... de mãe que já foi adolescente que engravidou... também assim... quando na adolescência... é:: ...ou as amigas engravidam... é:: ...” *Na retextualização*, ficou: “**Geralmente a adolescente que engravida já é filha de mãe** que passou pela mesma situação, coincidência ou não ou as amigas que passam pela mesma situação.”

Em todo o negrito, tanto da transcrição como da retextualização, percebemos traços dêiticos e de anáfora no processo de reformulação. Dessa forma, ainda dando aplicabilidade ao traço referencial, anáfora encapsuladora e dêitico, usaremos a seguinte passagem da entrevista para podermos identificar mencionados traços linguísticos:

Entrevistada (transcrição): olhe... eu acho que isso é muito pessoal... porque existem profissionais e profissionais... PREparado... não sei se a palavra é essa... a gente não é preparado pra trabalhar... **mas a gente hoje... tá virando uma rotina tão GRANDE... que você é obrigado a estar preparado... entendeu?...** pra cui/cuidar... eu acho que a palavra é um pouco disso... cuidar dessas adolescentes... **eu só acho que tá faltando mais compromisso... com alguns... pra lidar melhor com essa situação... é::** ... a gente não vai consertar o mundo não... mas se existisse um/uma... eu não sei se... é... () se existisse eu acho que união... um/uma... um diálogo... é:: ...se... se... chegasse assim ... é ... () se as equipes se unissem mais... pra poder trabalhar melhor... pra poder as ideias fluírem melhor... eu ter uma ideia... você ter outra... e a gente trabalhar numa forma ma::is somada... eu acho que a coisa poderia **fluir mais... preconceito e julgamento** eu acho que a gente não pode e nem deve fazer... a gente não tá aqui pra fazer isso... julgar... ter preconceito... não... **a gente tá aqui pra ajudar e somar...** veio... "o que é que eu posso fazer por você?"... é isso?... então vamos fazer isso... certo?

Entrevistada (retextualização): Acho essa coisa muito pessoal, porque tem profissionais e profissionais e já virou rotina, **nós temos que estar preparados, entendeu? Creio que ta faltando mais compromisso para lidar com a situação** e não podemos consertar o mundo, deve ter uma união um diálogo para **fluir mais as coisas. Estamos aqui para somar,** então vamos fazer isso.

Identificando a anáfora encapsuladora e a dêixis, respectivamente nas passagens da entrevista, podemos comparar as seguintes sentenças: [...] **olhe... eu acho que isso é muito pessoal...** / **Acho essa coisa muito pessoal.** Nessa sentença, o pronome demonstrativo em negrito é uma anáfora encapsuladora, pois sumariza o discurso anterior e o coloca como elemento verbal que resume e explica o contexto do enunciado.

De acordo com Rocha e Silva (2020, p. 2), a “[...] dêixis representa uma retomada das características elementares de termos indiciais e de ostensão, que, mesmo antes da concepção de Referência postulada por Mondada e Dubois (2003 [1995]), já creditava em seu favor a relação linguagem e contexto”. Numerosas ocorrências de dêiticos discursivos se enquadram neste caso, contanto, observamos a supressão do pronome **eu**, e o surgimento do sujeito

oculto: *Acho*, que aponta para uma significação contextual do enunciado. De acordo com Benveniste (1988 apud CAVALCANTE, 2000), mesmo não sendo seu objeto profícuo de estudo, a dêixis é contumaz pela visão de língua/linguagem e pela apresentação do sujeito na relação eu/tu/você na conjuntura enunciativa.

Com efeito, tratamos a relevância da dêixis sob a concepção da Referenciação em seu processo sociocognitivo e discursivo, no qual “[...] emerge da relação de construção dos sentidos na situação de interação em que ocorre negociação entre os participantes da comunicação” (ROCHA; SILVA, 2020, p. 2). Outro exemplo dêitico são as sentenças transcritas e retextualizadas, respectivamente:

[...] *eu só acho que tá faltando mais compromisso... com alguns... pra lidar melhor com essa situação... é:: / Creio que ta faltando mais compromisso pra lidar com a situação.*

Nesses dois termos em destaque, trechos da entrevista: *eu* e *creio*, percebemos que um não se sobrepõe ao outro na interpretação, haja vista ter o mesmo sentido no enunciado contextual, discorrendo acerca de quem o pronome se refere, posto que intenta enaltecer a especificidade da pessoa do discurso, no caso, o receptor da mensagem.

Cavalcante (2003), confirmando a relevância de nossa análise investigativa dos dêiticos, nos diz que, como sugestão, que se incluam nesse grupo de anáforas os chamados dêiticos discursivos, definidos por ela como,

[...] elementos que apresentam, a um só tempo, três características: (a) o encapsulamento, pelo qual o conteúdo resumido ganha estatuto de referente e é categorizado ou como pró-forma ou como rótulo; (b) o procedimento dêitico, pelo qual são orientados os focos de atenção dos interlocutores, por causa da presença de um dêitico; (c) a pressuposição do posicionamento do falante ou do destinatário na situação real de comunicação, também devido ao dêitico (CAVALCANTE, 2003, p. 116).

Em supracitada assertiva da entrevista à qual analisamos, percebemos que ligados aos estudos clássicos, inerentes aos advérbios e pronomes, existem características de ostensão e de apontar para, aos quais se revestem de deiticidade e se conectam às situações de enunciação (ROCHA; SILVA, 2020).

Quanto à referenciação, na análise e identificação da anáfora encapsuladora, também usaremos exemplos das entrevistas para embasarmos nossa proposta aqui assentada, portanto, nas seguintes passagens da transcrição e retextualização, temos:

Entrevistada (transcrição): pode... pode porque... na verdade... é :: ... teria que ter *seis consultas*... quando você retarda... porque existe o primeiro trimestre... você pode tratar quando é embrião o que não pode tratar quando é feto... você pode tratar quando *é feto*...o que você não pode fazer quando é embrião... [...]?... *sífilis... é um dos grandes problemas*... DSTs... é:: ... condinoma... hoje infelizmente o condiloma se tornou uma

doença... no adolescente... comum... por isso hoje tem a vacina *do HPV... porque o condiloma leva você a ter um câncer de colo de útero...*

Entrevistada (retextualização): Sim, porque na verdade *muitas* consultas, e quando retarda prejudica no primeiro trimestre e todos os demais terão problemas. Tratamos *dele* quando é embrião e não quando *outra coisa*. *As DSTS* é o grande problema. Hoje o condiloma é uma doença por isso tem atualmente as vacinas *pra doença*.

A exemplo do que supracitamos, entendemos o termo *feto*, por ser uma anáfora encapsuladora que referencia e sumariza uma porção retórica do discurso, ao se referir citado termo ao processo de gravidez ao qual passaria a adolescente.

No intento de analisarmos as anáforas encapsuladoras, apresentamos na transcrição e retextualização da entrevista, respectivamente, as passagens em destaque:

seis consultas... / *muitas* consultas.

[...] tratar quando é *feto*... / Tratamos dele quando é embrião e não quando *outra coisa*.

[...] *sífilis*... é um dos grandes problemas... / *As DSTS* é o grande problema.

[...] *do HPV... porque o condiloma leva você a ter um câncer de colo de útero*... / Hoje o condiloma é uma doença por isso tem atualmente as vacinas *pra doença*.

No uso de citados exemplos, percebemos que um único termo pode englobar/encapsular outros termos ou mesmo uma significação, dando sentido genérico, porém amplo ao enunciado. O termo *seis* consultas, com *muitas* consultas exerce duplo significado para o enunciado, posto que é elemento catafórico ao explicar a sequência do discurso anterior, e anáfora encapsuladora ao sumarizar o termo *seis* por *muitas* no discurso.

Nessa entrevista aplicada à profissional de assistência social, percebemos que esse gênero incita seu caráter de instabilidade verbal, em que não há uma organização precisa quanto ao discurso, haja vista o enunciado para este gênero ser algo improvisado. Neste sentido, o enunciado é, portanto, uma “[...] unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2003, p. 293), que organiza o gênero que, por sua vez, pode ser definido como mais ou menos estável, já que, quando selecionado por alguém, será por este reorganizado (ou não), tendo em vista o(s) interlocutor(es), a situação, o momento e o lugar de interação.

Mediante o exposto e no âmbito de relevância do discurso verbal e não verbal presentes no gênero entrevista, Carvalho, Romão e Bretas (2014, p. 30) homologam que:

Sabemos de antemão que o discurso falado se constitui de formas verbais e não verbais. Os elementos verbais, isto é, o léxico e a sintaxe de uma língua, são acompanhados de traços suprasegmentais que ajudam a orientar o sentido dos enunciados. É verificada, então, a acuidade das pausas, das mudanças de tom da voz e do próprio ritmo da fala com suas hesitações, ênfase, paradas e aceleração na produção de um discurso oral. Junto a isso, a fala é formada de elementos paralinguísticos, ou seja, formas não-verbais (expressão facial ou corporal, ou mesmo reações emotivas expressas por suspiros, choro).

Contanto, é relevante enaltecermos o fato de que não houve uma análise nem retextualização dessas formas “não-verbais”. Na 7ª operação analisamos as estratégias de substituição estilística, o que dá um novo caráter sintático no léxico do aluno.

Entrevistador (transcrição): e a nossa cidade Fortaleza... existe algum dado que comprove... esse aumento?

Entrevistador (retextualização): Em Fortaleza – CE, existe algum dado que comprove esse aumento?

Entrevistada (transcrição): a:: ... a gente... no caso... enfermeiros de:: ... de:: ...saúde pública... a gente tem base... vamos supor... eu atendo... é:: ... eu hoje estou na parte do posto de saúde... então são pessoas mais instruídas... então isso você reduz muito... eu tava trabalhando até alguns anos atrás na parte dali da Invasão... bairro São Cristóvão... ali é que é um número alto... então ali você tem... como você atende...você tem... é:: ...que documentar... você tem que acompanhar... tem que documentar... então você tem como fazer mais... se você chegasse hoje... nas equipe do PSF... todas... todas as enfermeiras quando você faz a somatória... elas têm que ter a idade... né?... e a localização onde mora...se você for olhar... vamos supor... eu atendo no posto de saúde... essa enfermeira atende a Invasão... aquela enfermeira atende os UPA's... que são bairros mais assim... né? ...é :: ... então você vai ver ...que a mi/ o meu número de/de gestantes reduz... e o número de idade aumenta...o dela aumenta em quantidade de pessoas e reduz na idade... então isso mostra que INFELIZmente a infraestrutura... educação e saúde é o que tá mais pesando ...

Entrevistada (retextualização): Nós, que somos da saúde pública, temos uma base, atendemos na parte do posto de saúde, então são pessoas mais instruídas e isso reduz muito. Eu trabalhei no São Cristóvão, na época da invasão, que tem um número muito alto de pessoas com casos como esse, então tem que documentar, acompanhar, tudo com a equipe do PSF. Cada assistente social atende um bairro, umas os postos de saúde e outras os UPA'S, então você compara e vê a redução ou idade aumentando. Às vezes aumenta na quantidade de pessoas e diminui na idade, infelizmente. A educação, a saúde e a infraestrutura é o que mais pesa nisso tudo.

Na 7ª operação, em que visa maior formalidade à sentença, identificamos que, na seguinte passagem: “Entrevistador: **e a nossa cidade Fortaleza...** existe algum dado que comprove... esse aumento?” Já retextualizado: “**Em Fortaleza – CE**, existe algum dado que comprove esse aumento?” Comprova-se com esse exemplo uma substituição das sentenças como forma de dar coerência à construção frasal escrita, dando novas opções léxicas ao texto.

A partir dessa análise, ressaltamos a importância de desenvolver nos estudantes do Ensino Médio práticas de retextualização, a fim de que eles possam valorizar a língua falada e perceber o quão “rica” ela pode ser. Além disso, fica o registro dessa atividade para implementação em sala de aula ou pesquisa acadêmica para outros profissionais da educação.

Considerações finais

Mediante a prática de retextualização da entrevista que foi realizada após a transcrição, constatamos, em nossa pesquisa, que o aluno desenvolveu sua capacidade de enaltecer traços linguísticos referenciais anafóricos, ligados à coesão textual e ao processo dêitico, e com isso seu discernimento em escrita obteve êxito com o exercício auferido.

Nesse sentido, para que se possa contribuir para um aluno proficiente e capaz de discernir marcas linguísticas de referenciação inerentes ao gênero entrevista ou a outro gênero qualquer, foi preciso ter uma boa motivação para o conhecimento dos demais gêneros, como forma de discernir os vários contextos existentes que fazem parte da vida do aprendiz. Muitas vezes, a escola é o ambiente onde o leitor tem a oportunidade de conviver com recursos e materiais que envolvem leitura, como: livros; revistas; cartazes; panfletos; jornais e outros meios que podem facilitar e contribuir com o processo de desenvolvimento do discernimento de gêneros textuais.

Quando objetivamos para os alunos a expansão de sua compreensão do gênero entrevista em sua aplicabilidade e uso real, sabemos que a exposição ligada a este gênero é fator resultante para o aprendizado, pois estimula a forma como o mesmo irá se apresentar em suas ideias e saberes apreendidos. Ou seja, o gênero entrevista proporciona expandir o conhecimento linguístico do aprendiz, enciclopédico e de mundo, para formar enunciados nos mais variados contextos comunicativos. Portanto, defendemos a aplicabilidade da retextualização do gênero entrevista como forma de contribuir para o processo de aprendizagem do aluno, em contextos reais de uso da língua e identificação dos traços linguísticos relevantes para uma desenvoltura na língua portuguesa.

Portanto, a exposição oral, assim como a entrevista, foi um instrumento demasiadamente importante dentro da sala de aula, pois funcionou como mediadora no desenvolvimento de habilidades de leitura, de escrita e de produção da fala, como também em contextos formais dentro e fora da escola. Desta maneira, para a realização dessa exposição, fomentamos um sistemático planejamento prévio no qual os alunos possam demonstrar capacidade de elaboração de um texto oral relacionado ao tema escolhido, além de demonstrar a capacidade de trabalhar com os recursos linguísticos, verbais e não verbais.

Referências bibliográficas

APOTHÉLOZ, D.; CHANET, C. Definido e demonstrativo nas nomeações. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante e Camile Maria Botelho Regadas. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA; SILVA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 131-176.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEZERRA, B. G. Teorias de gênero e perspectivas para o ensino: breve panorama ilustrado. *Revista da Anpoll*, v. 51, n. 2, p. 45-57, Florianópolis, Jul./Set. 2020. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1382/1099>. Acesso em: 04 jun. 2022.

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. reimpressão. São Paulo: EDUC, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa*. Volume: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 1998.

CARVALHO, J. R.; ROMÃO, E. S.; BRETAS, S. A. *Alfabetização e Letramento: oralidade e escrita e suas múltiplas dimensões*. São Cristóvão: Editora UFS, 2014, 190 p.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães, CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez Editora. 2014.

CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, M. M. Metadiscursividade, argumentação e referenciação. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 345-354, set./dez. 2009.

CAVALCANTE, M. M. *Estudos sobre referenciação - Contribuições do grupo Protexoto*, 2003.

CAVALCANTE, M. M. *Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. 2000. 218 f. - Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras, Recife, 2000. Disponível em: <http://www.letrasvernaculas.ufc.br/index.php/biblioteca/teses/31-biblioteca/teses/52-tesemonica-cavalcante>. Acesso em: 5 jun. 2022.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo, Campinas: Mercado das Letras, 2004.

GOULART, C. *As Práticas orais na escola: o seminário como objeto de ensino*. 2005. 206 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2017.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MARCUSCHI, L. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed., São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 2. ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2 ed., São Paulo: Editora Cortez, 2001.

OLIVEIRA, A. R. L. *As anáforas encapsuladoras na construção de sentidos do gênero artigo de opinião*. 2018. 165 f. Dissertação – (Mestrado Profissional - PROFLETRAS) – Universidade Estadual do Piauí, Linguagens e Letramentos, Teresina, PI.

ROCHA, E. L. S. S.; SILVA, A. N. Dêixis: da visão clássica à perspectiva da Referenciação. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 42, p. 1-16, e-15658, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras>. Acesso em: 03 jun. 2022.

SILVA, T. M. S. Aspecto da anáfora encapsuladora em redações de estudantes universitários. 2009. 89 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, BA.

VILAÇA, A. A. F. *O ensino dos gêneros entrevista de emprego e curriculum vitae por meio de um projeto didático de gênero*. 2021. 120 f. Especialização em Língua Portuguesa: teorias e práticas de ensino de leitura e de produção de texto – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG. Disponível em: encurtador.com.br/abjk6. Acesso em: 04 jun. 2022.